

EDWARD P. THOMPSON: SOBRE O MÉTODO

Eliane Sebeika Rapchan*

Resumo: Edward THOMPSON irá construir na Formação da Classe Operária Inglesa. Seu projeto intelectual, que permite um diálogo não apenas com os historiadores, pode servir de instrumental teórico-metodológico para outros pesquisadores. O autor faz grande contribuição quando explicita sua perspectiva de análise que é a de lidar com todo universo em questão, passível de ser abarcado quando se trata de refazer o percurso de determinado grupo social. Mais do que isso, contribui quando aponta e demonstra o trajeto percorrido para concretizar seu intento.

Palavras – Chave: Análise, Diálogo, Contribuição, Intelectual e Universo.

Abstract : Edward THOMPSON will build on the formation of the working-class in England. His intellectual project, which allows a dialogue not only with historians, can serve as a theoretical-methodological instrumental to other researchers. The author makes great contribution when explaining your prospect analysis that is to deal with the whole universe concerned, liable to be covered when it comes to retrace the path of a particular social group. More than that, it helps when points and demonstrates the path travelled to concretize your intent.

KeyWords : Analysis, Dialogue, Intellectual Contribution, and Universe.

A realidade objetivamente dada é capaz de falar por si só, comunicando-se através de dados e, neste caso, o papel do pesquisador seria apenas o de recolhê-los. Parece fácil refutar este argumento, visto que, sem nos determos em longa e apurada análise poderemos identificá-lo como pertencente a um positivismo

aberrante.

No entanto, feita a crítica, fica a pergunta: O que pretendemos enquanto cientistas humanos? Quais são as nossas questões e quais as respostas que buscamos?

A intenção deste ensaio é a de fazer uma leitura de dois trabalhos de Edward P. THOMPSON: A Formação da Classe Operária Inglesa e Senhores e Caçadores procurando destacar-lhes uma peculiaridade - o método - ponto axiomático no qual podemos refletir sua contribuição para esta problemática que as ciências humanas e sociais têm colocado. Tampouco emerge apenas a partir dos próprios elementos que se combinam numa dinâmica interna própria. Não fosse a ação dos próprios grupos de trabalhadores, eles mesmos jamais se constituiriam numa classe apenas pelo fato de terem sido gradativa e definitivamente expropriados de seus meios de produção e, portanto, de reprodução, enquanto artesãos que foram. Seria apenas um grupo de trabalhadores expropriados. Contudo, e contraditoriamente, não fosse o processo de industrialização, os movimentos políticos, religiosos e intelectuais e a própria expropriação que rondava a Europa, e mais especificamente a Inglaterra nesse período, jamais teria se formado uma classe com características da classe trabalhadora inglesa.

Esta é a base da análise que Edward THOMPSON irá construir na Formação da Classe Operária Inglesa. Seu projeto intelectual, que permite um diálogo não apenas com os historiadores, pode servir de instrumental teórico-metodológico para outros pesquisadores. O autor faz grande contribuição quando explicita sua perspectiva de análise que é a de lidar com todo universo em questão, passível de ser abarcado quando se trata de refazer o percurso de determinado grupo social. Mais do que isso, contribui quando aponta e demonstra o trajeto percorrido para concretizar seu intento.

Na verdade, concretamente, a metodologia e a perspectiva de análise fundem-se numa só: a preocupação em fazer um trabalho onde seja possível um debate com outros autores que versam sobre o mesmo assunto tanto contemporâneos quanto antecessores; bem como a introdução de dados e documentos desconhecidos, ou não, convenientemente analisados; além de uma reflexão e um diálogo com todo esse arcabouço obtido e articulado.

Além disso, vale chamar a atenção para o movimento do texto: o autor vai da análise do grupo internamente à Inglaterra e, às vezes, ao contexto mundial por um lado; e

por outro, atravessa várias temáticas e perspectivas de análise como as várias categorias e grupos sociais recortados sob prismas diversos como, por exemplo, as várias categorias profissionais ou religiões e associações de trabalhadores mostrando a interconexão entre elas.

No entanto, devido ao seu rigor, o autor em nenhum momento se propõe a estabelecer generalizações - estuda o seu caso em profundidade - e, através de todas relações que pode estabelecer, demonstra como tentativa de fazer um estudo de embarque a rede de interconexões possíveis dentro de um universo, pode levar a resultados interessantes e satisfatórios. Cumpre ressaltar que, apesar de rejeitar explicações gerais e, portanto, simplificadora muitas vezes, THOMPSON não pensa o seu problema como isolado, mas integrado, integrante e dinâmico dentro de um contexto mais geral.

Quando leva em conta todo o universo que cerca o grupo em questão, THOMPSON injeta em seu trabalho a noção de que nenhum grupo é impermeável, homogêneo, puro. Ao mesmo tempo, ele mostra que este grupo, enquanto tal, só pode constituir-se na medida em que **SE FAZ, FORJA-SE**, torna-se **SUJEITO**.

Em Senhores e Caçadores, THOMPSON ao fazer um trabalho de abordagem histórica, o faz através da construção de uma etnografia que está referida às florestas das cercanias de Londres (Windsor e Hampshire), à sua lógica espacial e social, nas primeiras décadas do século XVIII. Chama-se aqui de lógica espacial à distribuição de terras e seus usos, bem como a utilização e os interesses que a cercavam. Este trabalho, que une história e antropologia, servirá para uma reflexão acerca do direito e dos aspectos jurídicos da sociedade que entram em jogo numa teia de interesses econômicos, status e privilégios de grupos. Ele consegue, assim, apresentar uma reflexão sobre a efetivação da propriedade privada no campo inglês não apenas pela tradicional lógica de "enclosure", mas também através de outros mecanismos que são tratados no decorrer do texto.

A carência de documentos históricos levou o autor, neste livro, a buscar outras referências e fontes documentais (como a reconstituição da administração das florestas em 1723) fato que, aliado ao método de THOMPSON permitiu a reconstrução de dimensões fundamentais da sociedade inglesa e que nos permitem, hoje, a reflexão acerca de outros casos. O autor admite a impossibilidade da neutralidade do cientista, mas não perde de vista a perspectiva que suas fontes lhe apresentavam nem a continuidade da

produção dos documentos históricos: "Visto que parti da experiência de humildes moradores das florestas e segui, através de evidências contemporâneas superficiais, as linhas que os legavam ao poder (...)" (p. 17)

Ele ressalta a noção de história enquanto "reconstrução" recuperando não apenas algo que foi do conhecimento das pessoas que viveram na experiência, mas também aquilo que lhes era explicitamente desconhecido.

Para que isso seja possível, THOMPSON procurará tanto em Senhores e Caçadores quanto n'A Formação da Classe Operária Inglesa mostrar os caminhos e descaminhos da classe operária e do circuito criado em torno dos Negros de Waltham a partir das informações obtidas de seus elementos mais comuns e menos notórios dado-lhes iguais status que receberam as informações de um grande líder do movimento ou de nobreza local. Não há informações privilegiadas por essa classificação, nem informantes hierarquizados. Levar em conta essa característica do trabalho é fundamental na medida em que se considera o papel capital de cada indivíduo na constituição de um sujeito social ou de um movimento que SE FAZ.

Ainda na tentativa de mapeamento do trabalho de THOMPSON, cumpre detectar-lhe um aspecto fundamental: é a pergunta que este pesquisador dirige à massa informe de documentos que lhe vêm às mãos que dará o tom, a lógica de ordenação e a possibilidade de interpretação do material obtido. Ou seja, as perguntas: Como se deu a formação da classe operária na Inglaterra? Qual sua constituição? Qual a sua identidade? O que significou a Lei Negra no contexto da Inglaterra de início do século XVIII? Qual a sua relação com a propriedade privada? Em que contexto surge e a que demandas vêm atender uma lei?

Estas não são perguntas inocentes, mas são questões formuladas com o intuito de permitir a abordagem da problemática com a maior abrangência possível, por isso o trabalho salta da dificuldade de sua dispersão para o mérito de uma pesquisa que se desenvolve na pluralidade.

No caso d'A Formação da Classe Operária Inglesa, essa, ao admitir que uma classe não é homogênea internamente, ao contrário do que muitos discursos políticos destinados à "classe trabalhadora" ou referidos à "classe trabalhadora" insistem em afirmar, baseados numa superficialidade que qualquer observação primária desmontaria, o autor esclarece uma série de pontos erroneamente empregados. Se a classe trabalhadora não é absolutamente homogênea quando tomamos as diferentes categorias profissionais que a formam, tanto no que diz respeito à sua

história, suas adesões políticas, à sua organização interna e seu status junto a outras categorias de trabalhadores, o que a torna uma classe?

Se a classe operária constitui-se num determinado momento histórico, não sendo construída apenas a partir das injunções políticas externas a ela, mas também, e principalmente, a partir dela própria, onde estará a sua identidade?

Há, sob um aspecto, uma "identidade de interesses" que culmina no período 1830-34, atingindo um grau nunca antes alcançado. Daí pode-se abstrair que o grau de intensidade da "identidade de interesses" não é constante nem homogênea, mas gradativa e se acentua ou atenua de acordo com as solicitações internas e/ou externas definidas. Admite-se, então, que a identidade não se forja e a partir deste momento mostra-se pronta e imutável; mas molda-se, altera-se e redimensiona sua coesão.

No período referido, a "identidade de interesses" promove organização via sindicalismo, institucionalizando suas bandeiras e reivindicações.

Noutro aspecto, a "identidade de interesses" se estabelece a partir da classe trabalhadora com relação às outras classes. Atualmente, o debate em torno da elaboração da identidade inclui o argumento de que um grupo só se define na medida em que se faz necessário marcar posição e diferença com relação a outros. Uma classe se define também em referência a outras e é desse argumento que THOMPSON parte.

Na medida em se constituem como classe, em oposição a outras classes, os trabalhadores se posicionam não somente e imediatamente como expropriados dos meios de produção frente aos industriais, à aristocracia rural e à classe média, em termos materiais e objetivos, mas também em termos ideológicos, de projetos de futuro, de necessidades, de consumo, de sobrevivência, de formação, de educação, de reivindicação, de propostas políticas. Todos estes fatores vinculados à sua sobrevivência enquanto classe.

Pode-se falar, então, a partir desse momento, do surgimento de uma "cultura operária" que emerge do movimento da classe em seu FAZER-SE. Pode-se chamar de "cultura operária" a este conjunto de valores que são passados, compartilhados e produzidos por um grupo que se reflete em todas as condições de sua existência, dos setores mais produtivos e materiais à ideologia e à religião.

Apesar de a identidade ser nascida dentro da própria classe, pode-se perceber que, de acordo com interesses de cunho econômico, político, ideológico ou

outros ocorre à identificação de uma classe social com outra. Essa dinâmica pode ser observada de modo que a identificação pode tanto partir de uma das classes envolvidas com relação à outra como pode, também, nascer de um terceiro sujeito que estabelece as relações segundo outros interesses. Da mesma forma como THOMPSON recolheu documentos que assinalam um determinado debate ocorrido na Inglaterra, que pretendia associar a classe média à classe operária porque, no fundo são todos trabalhadores (Tomo 3, p. 417); temos, por outro lado, no Brasil, em 1989, o voto de uma parcela significativa da população constituída de um contingente de miséria absoluta dirigindo e elegendo um representante das elites oligárquicas nordestinas, entre outras coisas. Esses votos, dessa população estavam carregados de um desejo de ser e pertencer à classe à qual este homem pertence, em oposição ao outro candidato que possui uma trajetória muito parecida com a de milhares de brasileiros, trabalhadores, migrantes...

Por outro lado, essa classe que se constitui, não necessita única e exclusivamente, de seus líderes para existir. THOMPSON mostra como a emergência de uma classe não se dá apenas a partir de líderes iluminados que conclamam e organizam; mas a partir de necessidades que são intrínsecas ao próprio grupo.

Isso não quer dizer que se dispense a presença de líderes, mas sua importância não ocorre ao nível de onipotência, onipresença e onisciência. Em contrapartida, também não quer dizer que não haja, por parte desse líder e de outros, externos ao grupo e que pretendem se fazer líderes, uma disputa pelo poder e um desejo de controle das ações da classe, muitas vezes bem sucedido.

O surgimento dessa "autoconsciência coletiva" se deu no correr de gerações, dentro de uma dinâmica social de uma população que sofreu a destruição de seu modo de vida tradicional seja o artesão urbano, seja o camponês. Ainda dentro dessa dinâmica social vimos surgir uma "cultura do artesão e do autodidata". A diversidade de especialidades dentro da classe operária gerando inventores, jornalistas, teóricos, políticos, etc.

Assim, um grupo social, enquanto classe pode acabar gerando indivíduos que sairão dele para integrar outros grupos sociais.

Essa comunicação com outros grupos sociais se estende para outras instituições e para outros espaços de convívio social: a escola, as lojas, as capelas, os lugares de lazer tornam-se palcos da luta de classes que extrapolem o convívio

da fábrica e vão para a dimensão total do convívio social e da cultura.

Na abordagem referente a Senhores e Caçadores, THOMPSON demonstra como, no século XVIII, o Estado inglês que apoiava a preservação da propriedade privada assiste a Lei Negra ter aprovação majoritária pela Câmara. Os negros cometiam crimes contra a propriedade particular.

Como se justifica uma lei de pena capital unanimemente aprovada?

Um dos motivos é o uso que a nobreza britânica fazia dessas florestas. Este era um dos seus espaços de lazer. No entanto, elas eram ocupadas por uma população constituída por nobres, camponeses, posseiros, agentes burocráticos, etc., portanto, não homogênea. Assim como também não eram homogêneos seus terrenos no que diz respeito à flora, fauna ou qualidade da terra. A floresta se caracterizava muito mais como uma designação jurídico-administrativa do que uma organização econômica unitária.

Essa organização econômica era complexa e específica: havia reivindicações pelos gamos e veados e outras caças menores por parte de fidalgos e camponeses, além da demanda por madeira, carvão e transporte.

No entanto, a caça, principalmente de cervos e veados, tornou-se escassa e passou a ser expressamente proibida aos camponeses e destinada apenas à nobreza.

Para esta, esses animais esquivos e de hábitos difíceis significavam sua representação simbólica e seus "status". No limite, as proibições à caça de cervos, se estenderam inclusive, para além dos portões da floresta. "Tudo se subordinava à economia dos cervos." (p.35)

Os cervos poderiam ser criados nos parques reais, mais isso não ocorria. As ações movidas pelos interesses pessoais dos funcionários das florestas, como também o direito de caça aos cervos, recaíam em abuso de direitos, pois a caça, por exemplo, significava para os camponeses um complemento importante na sua dieta. Havia também uma grande valorização dos lagos piscosos que, ao serem construídos eliminavam os direitos de pastoreio e de extração de torrões de turfa dos plebeus.

Estes dois elementos: os cervos e os lagos piscosos se tornaram alvo dos ataques dos Negros e essa ação tornou-se crime inafiançável.

No entanto, os Negros não deixaram nenhum manifesto nada escrito. Suas marcas estavam nas suas ações.

É importante destacar também que todo este movimento ocorreu no período da "Restauração" da monarquia na Inglaterra, após Cromwell que já estava submetida ao Parlamento, mas que se empenhava no sentido de re-adquirir privilégios e status.

Referidos a este fato, poderemos refletir sobre o surgimento de uma lei de pena de morte para punir crimes como a caça ilegal e os disfarces, que existiam desde a antiguidade, somente neste período. Mais do que isso, é preciso levar em conta que o código penal inglês já possuía leis que puniam crimes ligados ao roubo de cervos que eram punidos com multas ou degredo.

O valor das multas contra caça tinha repercussões diferentes entre pobres e ricos. E, muitas vezes, os empregados eram processados em nome de seu senhor. Além do que, havia entre leis e juízes possibilidades de subornos e de interesses diferenciadamente defendidos.

THOMPSON consegue apreender, fornecendo-nos este quadro, não a institucionalização da lei, seus códigos ou a demarcação da propriedade privada, mas o conflito entre homens reais, o conflito social na sua expressão interior e rural com relação à sociedade inglesa mais ampla. Conflito esse, vinculado e referido às transformações que esta sociedade mais ampla estava sofrendo.

Não eram propriamente os ataques predatórios às florestas que estavam sendo punidos, já que também homens ricos e poderosos os praticavam. Eram "alguns" que deveriam ser punidos, que agiam nas florestas de maneira que não lhes era permitida, reivindicando seu direito de uso.

É assim, a partir destes dois significativos trabalhos que podemos avaliar a contribuição de Edward P. Thompson. Atualmente, ele nos é de grande valia. Talvez não só para analisarmos o surgimento de uma classe como um todo apenas, mas também para refletirmos acerca do surgimento dos inúmeros sujeitos sociais nos quais, às vezes, colocamos tantas esperanças e aos quais buscamos tão ardentemente compreender.

BIBLIOGRAFIA:

THOMPSON, E.P. **A Formação da Classe Operária Inglesa**, Tomo 1,2,3. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2ª Ed., 1988.

Senhores e Caçadores, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

***Eliane Sebeika Rapchan**. Antropóloga, Mestre em antropologia pela Universidade de São Paulo.